



Escala de Conflito Conjugal: Validade Interna e Relação com outras Variáveis

Clarisse Pereira Mosmann¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo-RS, Brasil

Cristofer Batista da Costa

Faculdade do CEFI – FACEFI, Porto Alegre-RS, Brasil

Marina Zanella Delatorre , Adriana Wagner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

RESUMO

Os conflitos conjugais constituem parte do processo de adaptação entre os cônjuges e contribuem para a compreensão das características da dinâmica relacional entre a dupla. Para aprofundar a avaliação dos conflitos conjugais, são apresentados dois estudos neste artigo. O primeiro investigou evidências de validade da Escala de Conflito Conjugal por meio da análise da sua estrutura interna em uma amostra de 244 casais. Os resultados demonstraram que o modelo do instrumento se ajustou aos dados. No estudo dois, verificou-se o poder preditivo do tempo de união, da frequência e intensidade dos conflitos no ajustamento conjugal de 485 indivíduos que responderam um questionário sociodemográfico, a Escala de Conflito Conjugal e o *Revised Dyadic Adjustment Scale*. A frequência e a intensidade dos conflitos foram preditoras do ajustamento conjugal. Os estudos I e II fornecem evidências de validade baseadas na estrutura interna da Escala de Conflito Conjugal e na relação com o ajustamento conjugal.

Palavras-chave: relações conjugais; ajustamento conjugal; validade do teste.

ABSTRACT – Scale of Conjugal Conflict: Internal validity and relation to other variables

Marital conflicts are part of the adaptation process between spouses and contribute to the understanding of the characteristics of the relational dynamics between the pair. To further the assessment of marital conflicts two studies are presented in this article. The first investigated evidence of validity for the Marital Conflict Scale, by analyzing its internal structure with a sample of 244 couples. The results showed that the model of the instrument adjusted to the data. Study two investigated the predictive power of the length of the union and the frequency and intensity of conflicts in the marital adjustment of 485 individuals. The participants responded to a sociodemographic questionnaire, the Scale of Marital Conflict, and the Revised Dyadic Adjustment Scale. The frequency and intensity of conflicts were predictors of marital adjustment. Studies I and II provide evidence of validity based on the internal structure of the Marital Conflict Scale and the relationship to marital adjustment.

Keywords: marital relations; marital adjustment; test validity.

RESUMEN – Escala de Conflicto Conyugal: Validez interna y relación con otras variables

Los conflictos conyugales forman parte del proceso de adaptación de la pareja y contribuyen a la comprensión de las características de la dinámica relacional entre los cónyuges. En este artículo se presentan dos estudios para profundizar en la evaluación de los conflictos conyugales. En el primer, se investigaron las evidencias de validez de la Escala de Conflicto Conyugal a través del análisis de su estructura interna en una muestra de 244 parejas. Los resultados indicaron que el modelo del instrumento se ajustó adecuadamente a los datos. En el segundo estudio, se verificó el poder predictor del tiempo de unión, la frecuencia e intensidad de los conflictos en el ajuste marital de 485 personas que respondieron un cuestionario sociodemográfico, la Escala de Conflicto Marital y el *Revised Dyadic Adjustment Scale*. La frecuencia y la intensidad de los conflictos de mostraron como predictores del ajuste conyugal. En conjunto, estos estudios proporcionan evidencias de validez basadas en la estructura interna de la Escala de Conflicto Conyugal y la relación con el ajuste matrimonial.

Palabras clave: relaciones conyugales; ajuste conyugal; validez de la prueba.

Os conflitos conjugais são investigados por especialistas da área de família há décadas, tanto no contexto nacional como internacional. Conceitualmente, o conflito envolve divergências entre os cônjuges acerca de

diferentes temas relacionados ou não à conjugalidade (Buehler, & Gerard, 2002; Fincham, 2003). A relevância desses estudos reside no fato de os conflitos serem considerados fortes preditores de divórcio se ocorrem com

¹ Endereço para correspondência: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Avenida Unisinos, 950, Sala 2A109, Jardim Itu Sabará, 93022-000, São Leopoldo, RS. Tel./Fax: (51) 3591-1207 / (51) 99327-3770. E-mail: clarissepm@unisinos.br

Artigo derivado da Tese de Doutorado de Cristofer Batista da Costa com orientação de Clarisse Pereira Mosmann, defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, e da Tese de doutorado de Marina Zanella Delatorre com orientação de Adriana Wagner, defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

frequência, atingem níveis elevados de intensidade e envolvem motivos considerados mais graves, como violência, infidelidade, alcoolismo, entre outros (Rauer et al., 2017; Zordan et al., 2012).

Os casais que permanecem juntos, apesar de vivenciar conflitos diários, intensos e sem resolução, colocam-se em uma condição de vulnerabilidade para o desencadeamento de doenças tanto físicas como emocionais (Abbasi, 2017; Neves, & Duarte, 2015). Em casais com filhos, os conflitos podem desencadear sintomas internalizantes e externalizantes e afetar o desenvolvimento saudável da prole (Mosmann et al., 2018). Esse transbordamento dos conflitos do subsistema conjugal para outros subsistemas familiares, tais como o parental e o filial (Buehler, & Gerard, 2002; Erel, & Burman, 1995; Mosmann, & Falcke, 2011), e que incide em toda a dinâmica familiar (Benetti, 2006), tem sido denominado de efeito *spillover*.

Há consenso entre os pesquisadores da área de família de que conflito é um fenômeno inerente a todos os relacionamentos conjugais (Fincham, 2003; Gottman, 1991; Wagner et al., 2019) e se manifesta na dinâmica relacional tanto de parceiros recém-casados como aqueles casais de longa duração (Costa et al., 2016). Sabe-se também que a cada fase do desenvolvimento individual e estágio do ciclo vital familiar surgem novas demandas, anseios e necessidades, de modo que os motivos de conflito entre os cônjuges se atualizam com o passar do tempo (Costa, & Mosmann, 2015; El-Sheikh et al., 2019).

Se, por um lado, conflitos excessivos e intensos são destrutivos, por outro, a ausência de conflitos pode também indicar algum tipo de dinâmica disfuncional na díade. Por exemplo, submissão de um dos parceiros, desligamento e distanciamento emocional, evitação/esquiva de situações divergentes, excessiva dependência emocional, entre outros (Driver et al., 2016). Além de intrínsecos à conjugalidade, os conflitos podem ser sinal de vitalidade e investimento emocional na relação e uma oportunidade para os parceiros se ajustarem ao jeito de ser um do outro desenvolvendo conjuntamente estratégias construtivas para a resolução dos seus conflitos (Costa et al., 2015; Gottman et al., 2015).

Conflitos conjugais persistentes tendem a ocorrer principalmente nos casais que apresentam baixos níveis de ajustamento conjugal (Fincham, 2003). O ajustamento é um construto formado pelos fatores coesão, consenso e satisfação conjugal (Busby et al., 1995; Lebow, & Stroud, 2016). Os fatores investigam, respectivamente, os níveis de proximidade e intimidade para o compartilhamento de sentimentos e pensamentos; a capacidade da díade de estabelecer acordos e soluções mutuamente satisfatórias diante dos aspectos sob os quais divergem; e, finalmente, o quanto sentem-se satisfeitos com o relacionamento e o parceiro (Hollist et al., 2012; Neves, & Duarte, 2015; Rauer et al., 2017).

Na literatura da área, há profusão de escalas internacionais avaliando as repercussões dos conflitos no ajustamento conjugal, mas nenhuma no contexto nacional. No Brasil, essa avaliação tem sido feita, principalmente, por meio da Escala de Buehler e Gerard (2002). A referida escala leva em consideração os motivos, a frequência e a intensidade dos conflitos por meio de duas subescalas, considerando o último ano de convivência entre os cônjuges. Na primeira subescala, são listados os temas mais comuns de discordâncias entre casais, sendo que o respondente deve indicar a frequência (número de vezes) com que experimenta cada um deles na relação.

Os principais motivos de conflito descritos na literatura científica envolvem temas como: quantidade de tempo dedicado estritamente à intimidade e prazer conjugais, desigualdade na divisão das tarefas domésticas (Mosmann, & Falcke, 2011; Wagner et al., 2019), valores e decisões acerca da educação dos filhos (Jackson et al., 2016; Mosmann, 2007; Mosmann, & Falcke, 2011), administração conjunta ou separada das finanças e decisões sobre onde, como e quanto investir (Cenci et al., 2018; Jackson et al., 2016; Käfer-Schünke et al., 2022), espaço para a individualidade e vida social (Giudici et al., 2011), tempo dedicado ao trabalho e investimento na carreira (Fellows et al., 2016), imersão nas tecnologias de informação e comunicação, como computador, celular, aplicativos e redes sociais (Barrie et al., 2019), ciúme e infidelidade (Neumann et al., 2019), características e modelos herdados da família de origem (Curran et al., 2011), entre outros motivos.

Na segunda subescala, avalia-se a intensidade da discussão que envolve o conflito. A intensidade dos conflitos refere-se à evolução de uma discussão que inicia com tom de voz moderado, ascende para ofensas e acusações, podendo evoluir para gritos e chegar à agressão física (Buehler, & Gerard, 2002; Scheeren et al., 2015). Embora o instrumento seja usado há mais de uma década no contexto brasileiro (Costa et al., 2015; Mosmann, 2007; Mosmann, & Falcke, 2011; Mosmann et al., 2018; Wagner et al., 2019), sua estrutura interna ainda não foi avaliada, sendo que a escala foi somente traduzida e adaptada do idioma inglês para o português (Mosmann, 2007).

Os estudos que utilizaram a escala de conflito até o momento fornecem evidências de sua validade externa ao testá-lo em associação com outros instrumentos que avaliam a conjugalidade. Porém, é necessário que existam medidas para avaliar as características do relacionamento conjugal com evidências de validade interna e externa (Heyman, 2001; Lebow, & Stroud, 2016). Frente a tal necessidade, somada ao fato de que a inferência de validade se dá a partir do acúmulo de evidências (Heyman, 2001), este artigo apresenta dois estudos. No estudo I, buscou-se investigar evidências de validade da Escala de Conflito Conjugal por meio da análise da sua estrutura interna. No estudo II, o objetivo foi verificar o poder

preditivo do tempo de união, da frequência e intensidade dos conflitos conjugais no ajustamento conjugal, a fim de fornecer evidências adicionais da validade do instrumento baseadas na relação com essa variável.

Estudo I

Método

Amostra

Os participantes dessa etapa do estudo foram 244 casais heterossexuais com média de idade de 44,26 anos ($DP=12,74$) para os homens e 41,44 anos ($DP=11,98$) para as mulheres. Os casais estavam no relacionamento atual há, em média, 17 anos ($DP=11,79$), sendo que 69,5% eram casados no civil e/ou religioso e 30,5% estavam em união estável. No que diz respeito ao recasamento, 16,3% dos homens e 16,1% das mulheres relataram já ter vivido como casal anteriormente. Além disso, 73,7% dos homens e 72,5% das mulheres tinham filhos. A maioria dos participantes, 91,7% dos homens e 85,2% das mulheres, reportaram que exercem trabalho remunerado. A média de horas de trabalho por dia foi de 8,66 ($DP=1,71$) para os homens e 7,91 ($DP=1,95$) para as mulheres. A maioria dos casais residia na região sul (85,7%), seguida pela região sudeste (8,2%) e nordeste (6,1%) do Brasil.

No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos participantes tinha ensino superior completo (52,5% das esposas e 45,4% dos maridos), sendo que 32,4% e 23,1% do total de esposas e maridos, respectivamente, também tinham pós-graduação. Os demais participantes declararam ter concluído o ensino médio (43,0% dos maridos e 41,4% das esposas). Quanto à renda, 35,9% dos participantes de ambos os sexos recebiam de dois a quatro salários-mínimos. Uma proporção maior de esposas (30,3%), em comparação aos maridos (14,7%) referiu ganhar até dois salários-mínimos. O padrão inverso ocorreu com participantes que tinham renda de quatro a seis salários-mínimos (22,9% dos maridos e 17,1% das esposas).

Instrumento

Questionário Sociodemográfico. Composto por perguntas relativas à caracterização sociodemográfica, qualidade conjugal, estratégias de resolução de conflitos, personalidade e apoio social. Na parte inicial do questionário, havia questões sobre idade, sexo, situação conjugal, tempo de relacionamento, informações sobre relacionamentos anteriores e filhos, religião, escolaridade e renda.

Escala de Conflito Conjugal. Escala originalmente desenvolvida por Buehler e Gerard (2002) e traduzida para o português brasileiro por Mosmann (2007). O instrumento avalia a frequência e a intensidade dos conflitos entre o casal por meio de duas subescalas. A primeira

avalia a frequência com que os cônjuges experimentaram desentendimentos sobre determinados motivos de conflito no último ano, por meio de uma escala do tipo Likert que varia de 1 (*quase nunca*) a 6 (*quase todos os dias*). Para o presente estudo, foi realizada uma adaptação da escala que Mosmann (2007), apenas traduziu para o português. Na adaptação, foram acrescentados três outros temas de conflito escolhidos com base no que aponta a literatura científica da área (Costa et al., 2016; Costa et al., 2015), sendo eles: família de origem, individualidade e trabalho/profissão, aos seis presentes no instrumento original, totalizando nove itens nessa subescala. A segunda subescala avalia a intensidade dos conflitos por meio de três itens que abordam a discussão calma de problemas (codificado invertido), discussões intensas e agressões, em uma escala tipo Likert que varia de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*), sendo que, nessa subescala, escores mais altos representam a maior intensidade dos conflitos. No estudo de adaptação, o alfa de Cronbach foi 0,71 (Mosmann, 2007), e neste estudo, os valores de alfa foram 0,65 e 0,70 na subescala intensidade para homens e mulheres, respectivamente.

Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, conforme consta no parecer nº 2.075.195; CAAE: 65851616.6.0000.5344. O acesso aos participantes se deu pelo critério de conveniência, a partir da rede de contato dos pesquisadores e do contato com instituições, como escolas e igrejas, que facilitaram o acesso aos casais. A coleta de dados ocorreu no primeiro semestre de 2018, de forma individual, na residência dos participantes, e coletiva, quando realizada em instituições. Os casais receberam um envelope contendo os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionários de pesquisa. Os participantes foram orientados a ler o TCLE e, mediante consentimento, assiná-lo. Os termos foram recolhidos e os casais orientados a preencher os questionários individualmente, de forma que os cônjuges não tivessem acesso às respostas um do outro. Após o preenchimento dos questionários, os casais deveriam colocá-los novamente no envelope, lacrá-lo e entregá-lo aos assistentes de pesquisa.

Análise dos Dados

Os dados referentes à Escala de Conflito Conjugal foram analisados por meio de estatísticas descritivas. Tendo em vista a distribuição não normal dos dados, foi utilizado o teste de Wilcoxon para medidas repetidas, a fim de verificar se havia diferenças nas respostas de maridos e esposas. A escolha pelo teste de medidas repetidas se deu em função da interdependência entre os relatos de maridos e esposas sobre seu relacionamento. O tamanho de efeito (r) foi calculado dividindo-se o escore Z pela raiz quadrada do tamanho da amostra. Para a subescala de intensidade, também foi realizada uma análise

fatorial confirmatória (AFC) diádica. Optou-se por incluir apenas a subescala de intensidade na AFC em função da natureza dos itens. Enquanto os itens relativos à intensidade dos conflitos fazem referência às diferentes formas de lidar com os desentendimentos, por meio de certos níveis de intensidade, os itens da subescala frequência representam tanto um conjunto de motivos de conflito como a frequência com que ocorrem. Embora esse conjunto seja relevante, não se pode considerar o escore resultante como uma medida geral da frequência com que conflitos ocorrem no relacionamento, mas sim a frequência com que ocorrem desentendimentos sobre cada um dos temas.

A AFC diádica foi utilizada, pois leva em conta a interdependência entre os cônjuges, estimando um modelo com os mesmos indicadores explicando as mesmas variáveis latentes para homens e mulheres, sendo as variáveis latentes e os resíduos de erro de cada item correlacionados entre os parceiros. O procedimento de análise também envolve o teste da invariância diádica de medida. Para isso, primeiramente o modelo foi estimado sem restrições de parâmetros. Em seguida, foi testado o modelo com cargas fatoriais restritas como iguais para ambos os membros da díade. Caso a diferença do CFI (Δ CFI) entre os modelos seja menor do que 0,01, pode-se considerar que há invariância de medida entre

os cônjuges. Adicionalmente, pode-se restringir os valores dos interceptos, o que permite interpretar as diferenças de média entre as variáveis latentes caso Δ CFI seja menor que 0,01 para o modelo com essa restrição (Claxton et al., 2015).

O método de estimação utilizado foi o *Weighted Least Square Mean and Variance adjusted* (WLSMV) que é recomendado para distribuições não normais (Moshagen, & Musch, 2014). Para testar a adequação dos modelos, foram considerados os seguintes índices de ajuste: qui-quadrado, *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR). Valores de CFI iguais ou maiores do que 0,95 indicam bom ajuste, assim como valores de RMSEA inferiores a 0,06 e SRMR inferiores a 0,08 (Byrne, 2010). Os dados foram analisados no *software* R versão 3.4.4, por meio do pacote *lavaan* (Rosseel, 2012).

Resultados

Primeiramente, foram analisadas as estatísticas descritivas da Escala de Conflito Conjugal, verificando se havia diferenças entre os escores de maridos e esposas nos temas e na intensidade dos conflitos. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1
Teste de Wilcoxon para Comparação de Escores entre Maridos e Esposas

		M (DP)	dif. médias	Z	r	KS	assim.	curt.
tarefas domésticas	maridos	2,47 (1,59)	-0,05	-0,72	-0,05	4,26***	1,04	-0,80
	esposas	2,52 (1,57)				3,71***	0,75	-0,69
dinheiro	maridos	2,03 (1,31)	-0,04	-0,09	-0,01	3,25***	1,37	1,21
	esposas	2,07 (1,39)				4,07***	1,32	0,84
tempo que passam juntos	maridos	3,15 (1,99)	0,03	-0,08	-0,01	3,41***	0,36	-1,49
	esposas	3,12 (2,10)				3,54***	0,35	-1,60
sexo	maridos	2,55 (1,51)	0,13	-1,09	-0,07	3,28***	0,62	-0,76
	esposas	2,43 (1,46)				3,53***	0,72	-0,67
filhos	maridos	2,41 (1,81)	0,25	-1,90†	-0,13	4,47***	1,04	-0,42
	esposas	2,17 (1,60)				4,41***	1,34	0,54
questões legais	maridos	1,57 (1,20)	0,17	-1,89†	-0,12	6,35***	4,60	2,31
	esposas	1,41 (0,94)				6,82***	2,91	8,97
família de origem	maridos	1,93 (1,36)	0,17	-1,49	-0,10	4,61***	1,64	1,84
	esposas	1,76 (1,20)				5,22***	1,80	2,62
individualidade	maridos	2,09 (1,51)	0,17	-1,35	-0,09	4,61***	1,30	0,52
	esposas	1,92 (1,39)				5,04***	1,58	1,55
trabalho/profissão	maridos	2,24 (1,69)	0,44	-3,33**	-0,22	4,37***	0,01	1,19
	esposas	1,80 (1,49)				5,87***	1,96	2,61
discussão calma ¹	maridos	3,45 (1,14)	0,25	-2,55**	-0,16	2,66***	-0,22	-0,78
	esposas	3,20 (1,17)				2,70***	-0,08	-0,79
discussão intensa	maridos	1,91 (0,89)	-0,35	-4,43***	-0,28	3,56***	0,79	0,28
	esposas	2,25 (1,07)				3,25***	0,42	-0,84

Tabela 1 (continuação)

Teste de Wilcoxon para Comparação de Escores entre Maridos e Esposas

		M (DP)	dif. médias	Z	r	KS	assim.	curt.
agressão	maridos	1,07 (0,31)	-0,08	-2,34*	-0,15	8,30***	5,92	42,61
	esposas	1,14 (0,53)				8,14***	4,35	20,87
intensidade dos conflitos (escore total)	maridos	5,52 (1,72)	-0,68	-4,25***	-0,27	2,10***	0,14	-0,80
	esposas	6,20 (2,07)				1,82**	0,44	0,14

Nota. *** $p < 0,001$, ** $p < 0,01$, * $p < 0,05$, † $p < 0,10$. KS=Teste Kolmogorov-Smirnov de normalidade; assim.=assimetria; curt.=curtose. ¹Escore de intensidade dos conflitos calculados com o item “discussão calma” invertido.

A Tabela 1 mostra que o tempo que passam juntos foi o tema que gerou conflitos com maior frequência, para ambos os cônjuges. Em seguida, sexo, tarefas domésticas (para os homens, sendo a ordem inversa desses temas para as mulheres) e filhos foram os temas mais frequentes das discussões conjugais. O trabalho foi o único tema de conflito que apresentou diferenças entre maridos e esposas. Os homens relataram discutir sobre esse tema com mais frequência, sendo o quinto motivo mais frequente de conflito para eles e o sétimo para suas esposas. Em contraposição, as mulheres identificaram maior intensidade nos conflitos de casal em comparação aos seus companheiros.

Em seguida, foi realizada uma AFC diádica para a subescala intensidade dos conflitos. Três modelos confirmatórios foram testados: um modelo sem restrições, um modelo com restrições de cargas fatoriais e um modelo com restrições de cargas fatoriais e interceptos. Os três modelos foram estimados com os mesmos itens, explicando o mesmo fator (intensidade dos conflitos) para cada membro do casal, permitindo a covariância entre os fatores e entre os erros associados aos itens de cada um dos cônjuges. A Tabela 2 apresenta os índices de ajuste dos modelos e uma representação gráfica do modelo é apresentada na [Figura 1](#).

Tabela 2

Comparação entre Índices de Ajuste e Parâmetros do Modelo

	índices de ajuste							SRMR
	χ^2	df	p	CFI	Δ CFI	TLI	RMSEA (I.C.)	
sem restrições	5,207	5	0,391	0,997		0,992	0,013 (0,000-0,091)	0,027
cargas fatoriais restritas	6,835	7	0,446	1,000	-0,003	1,005	0,000 (0,000-0,078)	0,033
cargas fatoriais e interceptos restritos	10,270	9	0,329	0,984	0,016	0,973	0,024 (0,000-0,078)	0,036
	parâmetros do modelo			coeficientes padronizados				
	B	SE	Z					
discussão intensa homem	1,000	0,338	3,657	1,237***				
discussão calma homem	0,234	0,078	2,912	0,226**				
agressão homem	0,071	0,073	3,473	0,253**				
discussão intensa mulher	1,000	0,217	4,741	1,030***				
discussão calma mulher	0,382	0,097	3,706	0,360***				
agressão mulher	0,155	0,092	3,494	0,323***				
Intens. h ↔ intens. m	0,440	0,126	2,879	0,363**				

Os resultados apresentados na Tabela 2 demonstram que os três modelos testados apresentaram bom ajuste, com CFI>0,95 e resíduos abaixo de 0,06. A comparação entre os modelos indica que há invariância de medida entre os cônjuges, ou seja, o modelo apresenta bom ajuste a nível diádico. Além disso, a covariância na intensidade dos conflitos para maridos e esposas

foi significativa, demonstrando que, de fato, há um efeito diádico nessa variável.

Discussão

Este estudo buscou verificar evidências de validade baseada na estrutura interna para a Escala de Conflito

Conjugal. Primeiramente, foi comparada a frequência com que maridos e esposas relataram apresentar conflitos sobre cada um dos nove temas investigados pela primeira parte do instrumento. Em seguida, foi realizada uma análise fatorial confirmatória diádica para verificar se a estrutura unifatorial da escala de intensidade de conflitos se ajustaria aos dados, considerando a interdependência dos dados entre maridos e esposas.

O tema de conflito mais frequente entre os casais foi o tempo que têm para ficar juntos, resultado semelhante aos encontrados em outros estudos nacionais (Costa et al., 2015; Mosmann, & Falcke, 2011; Neumann et al., 2019; Wagner et al., 2019), assim como a alta frequência de discussões sobre tarefas domésticas (Neumann et al., 2019), sexo e filhos (Mosmann, & Falcke, 2011). Estudos internacionais apontam temas semelhantes, como as tarefas domésticas, os filhos, a comunicação, o lazer, o trabalho e o dinheiro (Papp, 2017; Papp et al., 2009). Apesar de o trabalho não ter sido um dos motivos mais frequentes de conflitos, foi o único em que houve diferenças entre os cônjuges. É possível que esse resultado esteja refletindo diferenças de gênero na concepção do trabalho, seja pela ideia, ainda presente, de que os maridos devem arcar com maior responsabilidade pelo sustento do lar que as esposas ou pelo esforço das mulheres em conquistar cada vez mais seu espaço no mundo laboral. Além disso, esse investimento feminino, em muitos casos, soma-se ao fato de ainda serem as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, gerando uma sobrecarga de demandas. Estudos mais detalhados sobre esse tema são necessários para esclarecer o significado desse resultado.

Quanto à intensidade dos conflitos, as esposas relataram envolvimento mais intenso nos desentendimentos em comparação aos seus companheiros. É possível que o fato de as mulheres ainda serem consideradas culturalmente responsáveis pelo cuidado nos relacionamentos fazendo com que esses últimos ocupem papel central em suas vidas (Negreiros, & Féres-Carneiro, 2004; Wheeler et al., 2010), faça com que elas se engajem nos conflitos com mais intensidade. Outra possibilidade é que o comportamento evitativo dos homens (Kulik et al., 2016) poderia aumentar a intensidade com que as mulheres abordam os conflitos, na tentativa de envolver o parceiro. Esse processo interacional é denominado *demand-recuo* (*demand-withdraw*), ou seja, quanto mais a esposa vai em direção ao marido com demandas para serem discutidas, mais ele recua, levando-a a intensificar sua investida, o que explica a recursividade do fenômeno na díade (Driver et al., 2016).

A escala de intensidade de conflitos demonstrou bons índices de ajuste a nível diádico. Assim, o instrumento mostra-se apropriado para a avaliação de casais, e não apenas de indivíduos, tendo em vista que os escores dos cônjuges não são independentes, pois há influência mútua de emoções, cognições e comportamentos entre eles (Kenny et al., 2006). É interessante notar que

a discussão intensa, item que representa intensidade intermediária dos conflitos, apresentou carga fatorial consideravelmente acima daquelas dos outros dois itens da escala, sendo o mais representativo da variável latente. É possível que as discussões intensas entre casais tenham sido consideradas como principal expressão característica do conflito conjugal pelos participantes. Provavelmente, a discussão intensa tenha sido identificada como um conflito pelos cônjuges com mais facilidade do que a divergência que foi resolvida calmamente. É possível que isso ocorra, pois os conflitos tendem a provocar emoções negativas, como raiva, indignação e frustração, e as reações fisiológicas associadas a essas emoções (Costa et al., 2015), resultando em discussões intensas.

Quanto ao uso do instrumento, o escore de intensidade dos conflitos é obtido por meio da soma dos três itens da subescala, sendo que o item 1, “discussão calma”, deve ser codificado de forma invertida. Dessa forma, quanto maior o escore, maior a intensidade do envolvimento do respondente nos conflitos do casal. A frequência dos conflitos é uma subescala que pode ser utilizada por meio da soma ou da média da frequência total dos conflitos ou pela análise das médias de cada motivo de conflito separadamente. Neste estudo, foi realizada a comparação pareada de médias de homens e mulheres (casais) para cada um dos motivos de conflito conjugal. No estudo II, apresentado a seguir, foi realizado o somatório da frequência total dos motivos de conflito dos participantes, avaliando a associação dessa variável às demais do estudo e seu poder de predição do ajustamento conjugal dos respondentes.

Estudo II

Método

Amostra

O Estudo II contou com 237 homens e 248 mulheres ($N=485$) autodeclarados heterossexuais. A idade mínima dos respondentes foi 18 anos e a máxima 79 anos ($M=41,49$, $DP=12,26$). Em relação à escolaridade, a maior parte dos participantes tinha nível superior 26,4% ($N=128$) ou pós-graduação 35,5% ($N=172$). O tempo de união variou de 6 meses a 53 anos ($M=15,33$, $DP=11,97$), sendo que 82,1% ($N=398$) dos respondentes estava na primeira união. Quanto à prole, 32,4% ($N=157$) dos respondentes referiu não ter filhos. Os participantes que referiram ter filhos foram 67,6% ($N=328$), sendo que destes 85,2% ($N=279$) tinha um ou dois filhos e 14,8% ($N=49$) tinha entre três e cinco filhos.

Quanto ao trabalho, 83,7% ($N=406$) dos respondentes referiu trabalhar fora de casa, dedicando-se de quatro a 14 horas por dia ($M=6,66$; $DP=3,31$), e 16,3% ($n=79$) referiu não ter trabalho ou estar aposentado. Quanto à renda, a maior parte dos participantes, 36,1% ($n=175$), referiu ganhar de dois a três salários-mínimos.

Instrumentos

Foram utilizados o questionário sociodemográfico e a Escala de Conflito Conjugal, já descritos no Estudo I. Os participantes responderam também à *Revised Dyadic Adjustment Scale*, R-DAS (Hollist et al., 2012), composta por 14 itens divididos em três fatores. O primeiro, consenso, possui seis itens que avaliam o nível de concordância/discordância entre os parceiros sobre diferentes temas em uma escala do tipo Likert de seis pontos que variam de 0 (*sempre discordamos*) a 5 (*sempre concordamos*). O fator satisfação possui quatro itens que medem a frequência com que os parceiros brigam, conversam sobre divórcio, entre outros temas, em uma escala do tipo Likert de seis pontos que variam de 0 (*sempre*) a 5 (*nunca*). O terceiro fator, coesão, possui quatro itens que avaliam a frequência com que os parceiros realizam diferentes atividades juntos. Os itens devem ser pontuados em uma escala do tipo Likert de seis pontos que variam de 0 (*nunca*) a 5 (*mais de uma vez por dia*), exceto pelo item 11 que é pontuado em uma escala do tipo Likert de cinco pontos que variam de 4 (*todos os dias*) a 0 (*nunca*). Na tradução e validação para o Brasil, foram encontrados alfa de Cronbach de 0,90 para ajustamento total, 0,81 para o fator consenso, 0,85 para satisfação e 0,80 para coesão. Neste estudo, os valores do alfa de Cronbach para o ajustamento total e os fatores consenso, satisfação e coesão, foram, respectivamente, 0,84, 0,77, 0,78 e 0,80 para os homens e 0,87, 0,72, 0,83 e 0,82 para as mulheres.

Procedimentos

O presente estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, conforme consta no parecer nº 2.075.195; CAAE: 65851616.6.0000.5344. Os procedimentos adotados seguiram rigorosamente o que consta na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, atendendo os fundamentos éticos e científicos pertinentes, conforme lia-se no TCLE.

A coleta de dados ocorreu em Porto Alegre, região metropolitana e cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul a fim de que a amostra fosse heterogênea.

O pesquisador responsável entrou em contato com os respondentes via telefone, *WhatsApp* e *e-mail* por meio da indicação de pessoas conhecidas, igrejas e centros de formação em psicologia, portanto, coleta de dados por conveniência. No primeiro contato, foram explicados os objetivos do estudo, os riscos e benefícios implicados na participação. Havendo interesse e disponibilidade, agendava-se dia e hora para a coleta no local de preferência do respondente, que variou entre residência e local de trabalho. O procedimento levou em média 60 minutos e envolveu a leitura em voz alta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, esclarecimento de dúvidas, assinatura do TCLE em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador, que guardou o documento em envelope separado dos demais materiais para evitar a identificação do respondente por meio do termo assinado, e preenchimento do questionário de pesquisa.

Análise dos Dados

Em um banco de dados no programa SPSS 25.0 (*Statistical Package for Social Science*), foram realizadas análises descritivas para calcular porcentagens, médias e desvio padrão e correlação de Pearson para avaliar as associações entre as variáveis e determinar o tipo de associação, se positiva ou negativa, considerando o nível de significância de 95%, $p \leq 0,05$ (Dancey, & Reidy, 2019). Com base no resultado das correlações, foi realizada análise de regressão linear, método *stepwise*, para avaliar o poder preditivo das variáveis independentes tempo de união, frequência e intensidade dos conflitos de homens e mulheres sobre a variável dependente ajustamento conjugal. A frequência dos conflitos foi calculada com base no somatório da frequência de todos os motivos de conflito.

Resultados

Na Tabela 3, consta o resultado da correlação de Pearson entre os fatores tempo de união, frequência e intensidade dos conflitos e ajustamento conjugal de homens e mulheres.

Tabela 3

Correlações entre as Variáveis do Estudo (N=485)

homens mulheres	tempo de união	frequência dos conflitos	intensidade dos conflitos	ajustamento conjugal
Tempo de união	1	0,041	-0,052	0,132*
Frequência dos conflitos	-0,027	1	0,268**	-0,400**
Intensidade dos conflitos	-0,079	0,405**	1	-0,411**
Ajustamento conjugal	0,002	-0,556**	-0,471**	1

Nota. ** $p < 0,001$; * $p < 0,050$

Conforme a Tabela 4, as variáveis independentes que tiveram correlação significativa compuseram o modelo de

predição para o ajustamento conjugal. Para as mulheres, o modelo final possibilitou fazer uma estimação correta

de 37% por meio das variáveis frequência e intensidade dos conflitos conjugais. Para os homens, o modelo final de ajustamento conjugal permitiu fazer uma estimação

correta de 26%, sendo que as variáveis preditoras foram a intensidade e a frequência dos conflitos conjugais e tempo de união.

Tabela 4
Modelo Preditivo de Ajustamento Conjugal de Homens e Mulheres

variáveis preditoras	mulheres modelo final n° 2		variáveis preditoras	homens modelo final n° 3	
	B	sig.		B	sig.
Frequência do conflito	-0,437	0,000	Intensidade do conflito	-0,319	0,000
Intensidade do conflito	-0,294	0,000	frequência do conflito	-0,320	0,000
			Tempo de união	0,128	0,022
R		0,618	R		0,526
R ²		0,382	R ²		0,276
R ² ajustado		0,376	R ² ajustado		0,267

Discussão

Por meio da análise de correlação, foi possível perceber que o tempo de união não teve associação com a frequência e a intensidade dos conflitos. Em outras palavras, o tempo de relacionamento dos respondentes homens e mulheres do Estudo II não está relacionado com o aumento ou a diminuição na frequência ou na intensidade com que os conflitos ocorrem. Esse resultado difere do que apontam outros estudos nacionais e internacionais de que a variável tempo influencia a qualidade do relacionamento conjugal, já que, quanto mais tempo de união, mais flexíveis, tolerantes e cooperativos se tornam os cônjuges (Delatorre, & Wagner, 2015; Gottman et al., 2015), o que indica a necessidade de mais estudos para que afirmações conclusivas possam ser feitas.

Ainda quanto ao tempo de união, não houve correlação com a variável ajustamento conjugal para as mulheres, somente uma correlação baixa para os homens. Esse resultado pode sugerir que, para eles, a estabilidade que se adquire com o passar do tempo de união também provoca aumento nos níveis de ajustamento conjugal, já que parte das divergências e exigências podem ter sido superadas (Costa et al., 2016; Gottman et al., 2015).

Como esperado, a frequência e a intensidade dos conflitos conjugais tiveram correlação positiva moderada entre si e correlação negativa moderada com o ajustamento conjugal para homens e mulheres, exceto por uma correlação baixa e positiva entre a frequência e a intensidade dos conflitos para os homens. Esses resultados reforçam o pressuposto de que a frequência e a intensidade dos conflitos são variáveis que aumentam em uma mesma direção e podem levar ao escalonamento das situações de conflito (Mosmann, & Falcke, 2011). A correlação baixa entre as duas variáveis para os homens vai ao encontro dos demais achados deste estudo e da literatura, que indicam a maior evitação dos conflitos por

parte dos homens e maior envolvimento feminino nos desentendimentos (Driver et al., 2016; Kulik et al., 2016), conforme discutido no Estudo I.

Sobre o ajustamento conjugal de homens e mulheres, o resultado indica que efetivamente, quanto mais frequentes e intensos são os conflitos conjugais, menores são os níveis de ajustamento conjugal (Fincham, 2003). Observa-se que o ajustamento é constituído pelos fatores consenso, coesão e satisfação conjugal, ou seja, o aumento na frequência e na intensidade dos conflitos também indica que os parceiros estão se entendendo menos, ficando mais distantes e se sentindo menos satisfeitos com a relação e o cônjuge (Hollist et al., 2012; Neves, & Duarte, 2015; Rauer et al., 2017).

No modelo de predição estatística, constatou-se que a frequência e a intensidade dos conflitos conjugais explicaram 37% do ajustamento conjugal das mulheres. Além de reforçar as evidências científicas encontradas em outros estudos (Abbasi, 2017; Fincham, 2003; Rauer et al., 2017), esse resultado reitera o quanto os fenômenos se relacionam já que o percentual de explicação pode ser considerado alto visto que o modelo possui somente duas variáveis preditoras.

Para os homens, o modelo explicou 26% do ajustamento conjugal por meio das variáveis frequência e intensidade dos conflitos conjugais e acréscimo da variável tempo de união, que teve carga inferior se comparada com as duas primeiras variáveis. A compreensão desse resultado vai em direção ao que foi discutido anteriormente nas correlações. Pode ser que a intensidade e a frequência dos conflitos conjugais expliquem menos o ajustamento conjugal dos homens porque eles tendem a recuar e/ou evitar se envolver nos acalorados debates sobre as divergências conjugais (Driver et al., 2016). Ainda, o tempo de união contribui para o modelo e, considerando o resultado da correlação, pode indicar que o tempo de alguma forma impacta nos níveis de ajustamento dos

homens. Finalmente, a diferença entre as estimativas que explicam os modelos feminino e masculino também reforçam outras evidências (Negreiros, & Féres-Carneiro, 2004; Wheeler et al., 2010) de que existem diferenças associadas ao gênero quanto às questões conjugais que precisam ser consideradas nos estudos desse fenômeno, conforme apontado também no Estudo I.

Discussão geral e Considerações Finais

O presente artigo buscou, em dois estudos, respectivamente, investigar as evidências de validade da Escala de Conflito Conjugal por meio da análise de sua estrutura interna e verificar o poder preditivo do tempo de união, da frequência e intensidade dos conflitos conjugais no ajustamento conjugal, a fim de fornecer evidências adicionais da validade do instrumento. Por meio dos dois estudos, foi possível alcançar ambos os objetivos, corroborando o conjunto de evidências científicas que o uso da escala acumula no contexto brasileiro na última década (Costa et al., 2015; Mosmann, 2007; Mosmann, & Falcke, 2011; Mosmann et al., 2018).

Quanto ao uso da Escala de Conflito Conjugal em estudos futuros, destaca-se que as duas subescalas, de frequência e intensidade dos conflitos podem ser utilizadas para avaliar indivíduos ou casais, já que a subescala de intensidade se ajustou satisfatoriamente em um modelo diádico (Kenny et al., 2006). A subescala de frequência pode fornecer uma medida geral, embora pouco precisa, acerca do quanto os cônjuges se envolvem em situações de conflito e as médias de cada motivo de conflito que são relevantes, principalmente, em amostras compostas por ambos os membros do casal. Dessa forma, torna-se possível analisar as médias pareadas e conseguir uma medida mais fidedigna sobre as diferenças em casais.

Quanto aos motivos dos conflitos, destaca-se que o fator frequência não é uma escala de medida com estrutura fatorial, de modo que a subescala possibilita o acréscimo de outros motivos de conflito. Esse recurso possibilita acompanhar as mudanças sociais e necessidades individuais que tendem a alterar também os motivos pelos quais indivíduos em relacionamentos conjugais se envolvem em conflitos (Costa, & Mosmann, 2015; El-Sheikh et al., 2019).

Sobre a validade baseada na relação com outras variáveis, há um número expressivo de estudos que utilizaram a escala de conflito em conjunto com outras medidas que avaliam diferentes aspectos do relacionamento conjugal, como variáveis sociodemográficas, satisfação conjugal, resolução de conflitos, sintomas nos filhos, entre outras variáveis (Buehler, & Gerard, 2002; Costa et al., 2015; Costa et al., 2016; Mosmann, 2007; Mosmann, & Falcke, 2011; Mosmann et al., 2018; Wagner et al., 2019). No Estudo II, foi definida a medida de ajustamento conjugal como associação e desfecho porque é apontada na literatura como proeminente

aspecto de avaliação do funcionamento do casal (Lebow, & Stroud, 2016). Nesse sentido, o estudo confirmou a interdependência entre as variáveis frequência, intensidade e ajustamento conjugal.

Além disso, a Escala de Conflito Conjugal mostra-se uma medida útil também para a avaliação do relacionamento e, portanto, relevante nas intervenções preventivas e terapêuticas da conjugalidade. Em outras palavras, ao identificar aumento no número de vezes que o casal discute sobre diferentes motivos de conflito e perceber a intensidade da variação das discussões, é possível intervir de modo a evitar o aumento progressivo da intensidade do conflito e, em decorrência, prejuízos mais importantes ao relacionamento do casal. Como limitação, o delineamento da pesquisa não possibilitou a análise da direcionalidade das relações encontradas no Estudo II. Dessa forma, não foi possível identificar se a maior frequência e intensidade com que os conflitos conjugais ocorrem tende a diminuir os níveis de ajustamento conjugal, ou se em um casal com baixos níveis de ajustamento provocados por outros aspectos da vida a dois tende a aumentar a frequência e a intensidade dos conflitos. Portanto, a recursividade do fenômeno pode ser uma agenda para estudos futuros.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio e o financiamento através de bolsas de doutorado recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Financiamento

A presente pesquisa não recebeu nenhuma fonte de financiamento, sendo custeada com recursos dos próprios autores.

Contribuição dos autores

Declaramos que todos os autores participaram da elaboração do manuscrito. Especificamente, os autores Clarisse Pereira Mosmann, Crístopher Batista da Costa, Marina Zanella Delatorre e Adriana Wagner participaram da redação inicial do estudo, conceitualização, investigação, visualização, análise dos dados, e redação final do trabalho.

Disponibilização dos dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Abbasi, I. S. (2017). Personality and marital relationships: Developing a satisfactory relationship with an imperfect partner. *Contemporary Family Therapy*, 39(3), 184-194. <http://dx.doi.org/10.1007/s10591-017-9414-1>
- Barrie, C. K., Bartkowski, J. P., & Haverda, T. (2019). The digital divide among parents and their emerging adult children: Intergenerational accounts of technologically assisted family communication. *Social Sciences*, 8(3), 83. <http://dx.doi.org/10.3390/socsci8030083>
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200012>
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescent's maladjustment. *Journal Marriage and Family*, 64(1), 78-92. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x>
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21, 289-308. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x>
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. 2.ed. New York: Routledge.
- Cenci, C. M. B., Freitas, C. P. P., & Habigzang, L. F. (2018). Relationships between management of money, dyadic adjustment and marital conflict. *Contextos Clínicos*, 11(2), 149-160. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.112.01>
- Claxton, S. E., DeLuca, H. K., & van Dulmen, M. H. M. (2015). Testing psychometric properties in dyadic data using confirmatory factor analysis: Current practices and recommendations. *Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 22(2), 1-17, Special Issue. <http://dx.doi.org/10.4473/TPM22.2>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n2/v16n2a03.pdf>
- Costa, C. B., Cenci, C. B., & Mosmann, C. P. (2016). Conflitos conjugais e estratégias de resolução: Revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 24(1), 1-14. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-22>
- Costa, C. B., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2015). Marital conflicts in long-term marriages: Motives and feelings. *Psicologia em Estudo*, 20(3), 411-423. <http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v20i3.27817>
- Curran, M., Ogolsky, B., Hazen, N., & Bosch, L. (2011). Understanding marital conflict 7 years later from prenatal representations of marriage. *Family Process*, 50, 221-234. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.2011.01356.x>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia*, 4.ed., p. 608. Penso Editora.
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2015). Estratégias de resolução de conflitos conjugais: Evidências de validade do CRBQ. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 233-242. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2015.1402.08>
- Driver, J., Tabares, A., Shapiro, A. F., & Gottman, J. M. (2016). Interação do casal em casamentos com altos e baixos níveis de satisfação. Estudos do Laboratório Gottman. Em F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (S. M. M. Rosa, Trad., 4a. ed., pp. 57-77). Porto Alegre: Artmed.
- El-Sheikh, M., Shimizu, M., Erath, S. A., Philbrook, L. E., & Hinnant, J. B. (2019). Dynamic patterns of marital conflict: Relations to trajectories of adolescent adjustment. *Developmental Psychology*, 55(8), 1720-1732. <https://doi.org/10.1037/dev0000746>
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 106-132. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Fellows, K. J., Chiu, H.-Y., Hill, E. J., & Hawkins, A. J. (2016). Work-family conflict and couple relationship quality: A meta-analytic study. *Journal of Family and Economic Issues*, 37, 509-518. <http://dx.doi.org/10.1007/s10834-015-9450-7>
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict correlates, structure, and context. *Current Directions in Psychological Science*, 12(1), 23-27. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8721.01215>
- Giudici, F., Widmer, E., & Ghisletta, P. (2011). A sociological assessment of conjugal conflict. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 67, 9-21. <http://spp.revues.org/536>
- Gottman, J. M. (1991). Predicting the longitudinal course of marriages. *Journal of Marital and Family Therapy*, 17(1), 3-7. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1752-0606.1991.tb00856.x>
- Gottman, J. M., Driver, J., & Tabares, A. (2015). Repair during marital conflict in newlyweds: How couples move from attack-defend to collaboration. *Journal of Family Psychotherapy*, 26(2), 85-108. <http://dx.doi.org/10.1080/08975353.2015.1038962>
- Heyman, R. E. (2001). Observation of couple conflicts: Clinical assessment applications, stubborn truths, and shaky foundations. *Psychological Assessment*, 13(1), 5-35. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.1.5>
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Ferreira, L. M., Miller, R. B., Springer, P. R., Fernandes, C. L. C., & Nunes, N. A. (2012). Portuguese translation and validation of the Revised Dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 348-358. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1752-0606.2012.00296.x>
- Jackson, G. L., Trail, T. E., Kennedy, D. P., Williamson, H. C., Bradbury, T. N., & Karney, B. R. (2016). The salience and severity of relationship problems among low-income couples. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 2-11. <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000158>
- Käfer-Schünke, L., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2022). Manejo do Dinheiro na Conjugalidade: Papel discriminante das Estratégias de Resolução de Conflitos, Comunicação e Ajustamento. *Psicologia Clínica*, 34, 407-427. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0034n02A09>
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York: The Guilford Press.
- Kulik, L., Shulamith, W., & Liberman, G. (2016). Spousal conflict resolution strategies and marital relations in late adulthood. *Personal Relationships*, 23, 456-474. <http://dx.doi.org/10.1111/pere.12137>
- Lebow, J., & Stroud, C. B. (2016). Avaliação do funcionamento conjugal e familiar: Modelos e instrumentos predominantes. Em F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (S. M. M. Rosa, Trad., 4a. ed., pp. 57-77). Porto Alegre: Artmed.
- Moshagen, M., & Musch, J. (2014). Sample size requirements of the robust weighted least squares estimator. *Methodology: European Journal of Research Methods for the Behavioral and Social Sciences*, 10(2), 60-70. <http://dx.doi.org/10.1027/1614-2241/a000068>
- Mosmann, C. P. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Mosmann, C. P., Costa, C. B., Silva, A. G. M., & Luz, S. K. (2018). Children with clinical psychological symptoms: The discriminant role of conjugal, coparenting and parenting. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429-442. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>

- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Neumann, A. P., Wagner, A., & Remor, E. (2019). Programa de educação conjugal "Viver a Dois": Caracterização dos casais e indicadores de adesão. *Contextos Clínicos*, 12(1), 256-281. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.11>
- Neves, A., & Duarte, C. (2015). Sintomas depressivos, resolução de conflitos e satisfação conjugal em indivíduos num relacionamento. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(3), 331-344. <http://dx.doi.org/10.15309/15psd160305>
- Papp, L. M. (2017). Topics of marital conflict in the everyday lives of empty nest couples and their implications for conflict resolution. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 17(1), 7-24. <http://dx.doi.org/10.1080/15332691.2017.1302377>
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M. C. (2009). For richer, for poorer: Money as a topic of marital conflict in the home. *Family Relations*, 58(1), 91-103. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3729.2008.00537.x>
- Rauer, A., Williams, L., & Jensen, J. (2017). Finer distinctions: Variability in satisfied older couples' problem-solving behaviors. *Family Process*, 56(2), 501-517. <http://dx.doi.org/doi:10.1111/famp.12198>
- Rosseel, Y. (2012). "lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling." *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36. <http://www.jstatsoft.org/v48/i02/>
- Scheeren, P., Neumann, A. P., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). Como se caracterizam os conflitos conjugais? Em A. Wagner, C. Mosmann & D. Falcke (Orgs.), *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 33-50). São Leopoldo: Sinodal.
- Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: Uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF*, 17(2), 185-194. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000200002>
- Wagner, A., Mosmann, C. P., Scheeren, P., & Levandowski, D. C. (2019). Conflict, conflict resolution and marital quality. *Paidéia*, 29, e2919. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2919>
- Wheeler, L. A., Updegraff, K. A., & Thayer, S. M. (2010). Conflict resolution in Mexican origin couples: Culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 991-1005. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x>

recebido em março de 2021
aprovado em dezembro de 2022

Sobre os autores

Clarisse Pereira Mosmann é Psicóloga e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Atualmente é Coordenadora Executiva do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Cristofer Batista da Costa é Psicólogo e Doutor em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente é Professor e Coordenador do Curso de Psicologia da FACEFI, Faculdade do CEFI.

Marina Zanella Delatorre é Psicóloga e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente faz Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRGS e membro do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, UFRGS.

Adriana Wagner é Psicóloga e Doutora em Psicologia Social pela Universidad Autonoma de Madrid. Atualmente é Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Como citar este artigo

Mosmann, C. P., Costa, C. B., Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2023). Escala de Conflito Conjugal: Validade Interna e Relação com outras Variáveis. *Avaliação Psicológica*, 22(1), 52-62. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.15689/ap.2023.2201.22413.06>